



Feitiços de amor, denúncias de ódio: práticas mágicas e denúncias na Visitação do Santo Ofício ao Brasil – Século XVI

Thaís Daiane Pereira da Silva¹
UPE – Campus Petrolina
E-mail: thais.daiane.silva@gmail.com
Dr^a. Edianne dos Santos Nobre²
UPE – Campus Petrolina
E-mail: edianne.nobre@upe.br

O século XVI, de forma geral, foi marcado pelas mudanças estruturais da Igreja Católica e do pensamento social, por exemplo, o surgimento de literaturas anticlericais e a propagação do Humanismo. A Igreja então, buscou estratégias contra as “heresias luteranas” que circulavam sobre a Europa por meio da Contrarreforma e o Concílio de Trento (1525) que tinha como objetivo, principalmente, fortalecer o catolicismo. O interesse da Inquisição nos domínios portugueses da América foi estimulado pelo aspecto exploratório, econômico e cultural da colônia, por conta do cultivo da cana-de-açúcar, inicialmente, se estendendo depois para outras formas de riquezas a serem exploradas e pela tentativa de controle das práticas leigas. As regiões onde aconteceram as Visitações do Santo Ofício foram as de maior prosperidade como: Bahia, Pernambuco e Grão-Pará. Estas, feitas ao Brasil durante o período colonial, geraram várias documentações, entre as quais, as *Confissões e Denúncias feitas pela primeira Visitação às partes do Brasil na Bahia e Pernambuco*, nos anos 1591-1592 e 1593-1595, respectivamente, que utilizamos nesta pesquisa. Nestes documentos, encontramos diversos detalhes sobre o cotidiano daquela população, geradas pelas denúncias, nas quais é possível perceber os desvios de comportamentos estabelecidos pela Igreja Católica, praticados por outrem, ou até mesmo confissões pessoais destes tais desvios aos inquisidores, estando entre eles: sodomia, bigamia, práticas judaizantes, heresia, práticas mágicas entre outras. Objetivando, principalmente, a análise dos casos que envolvem mulheres, especificamente, nos casos relacionados às práticas mágicas, a partir da análise das denúncias e confissões, é possível problematizar o processo de demonização do corpo dessas mulheres, buscando a compreensão dessas crenças denominadas como “feitiçaria” e “bruxaria”, assim como, as simbologias relacionadas a essas práticas. Existia um discurso, no qual a mulher era representada como excessivamente intuitiva e pouco racional, havia uma ênfase sobre sua fragilidade, pouca inteligência, o que a tornava presa fácil do demônio. A mulher seria predisposta à blasfêmia, pois suportava de maneira imperfeita os encargos atribuídos por Deus,

¹ Graduanda em História na UPE – Campus Petrolina

² Doutorado em História Social pela UFRJ. Professora Adjunta do Colegiado de História. UPE – Campus Petrolina. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Festas e Religiosidades (GEFRE).



III Seminário Nacional de História e Contemporaneidades

Brasil: autoritarismo, cultura política e direitos humanos

Universidade Regional do Cariri-URCA, Crato-CE de 6 a 9 de Março de 2018

discursos estes que derivavam da tradicional leitura misógina da Bíblia. Até o momento, coletamos cerca de oito denúncias que trazem à tona algumas dessas práticas mágicas, utilizadas pelas mulheres para melhorar o convívio conjugal, fazendo com que esses parceiros sentissem mais desejo sexual ou demonstrassem mais carinho por elas, entendendo que a mulher não poderia demonstrar esse desejo sexual diretamente ao seu parceiro já que a ideia do prazer era negada. As relações eram reguladas, sendo um dos principais alvos de controle, o corpo feminino, por isso, estas mulheres recorriam a essas táticas utilizando amuletos, porções encantatórias, proferindo algumas palavras, invocando elementos diversos ou até mesmo ao Diabo. A mulher colonial era vista como propriedade do marido, sendo justificados os maus tratos sofridos, onde o marido, se achasse necessário, poderia castigar sua esposa. Esta, tinha que ser passiva, recatada e do lar, não poderia de modo algum demonstrar ou fazer algo que desonrasse sua família e seu marido. As índias, negras e mulheres de classe baixa sofriam mais violências sexuais, sem nenhuma culpa por parte dos agentes, pelo senso comum que atribuía à essas mulheres, a condição de “mulher pública”, por dizerem que estas eram mulheres sem honra, havendo uma grande erotização, principalmente, da mulher negra pela imagem do corpo avantajado. No cotidiano da colônia seiscentista, o sagrado e o profano andaram juntos até nos atos mais íntimos daquela população. O sexo conjugal era tido como sagrado, pois só poderia acontecer para a procriação, com a interferência direta da Igreja e tudo o que fugisse as normas era considerado herético e, até mesmo, diabólico. A demonologia está presente não só na caça as “bruxas”, mas nas descrições de cronistas da época sobre a natureza e os costumes dos habitantes no chamado Novo Mundo, ou seja, tudo o que pertence ao outro era tratado e referenciado de forma pejorativa, negativando todos os aspectos, seja cultural ou não, incluindo aí as “bruxas” e as “feiticeiras” cuja cultura era oposta aos padrões religiosos vigentes na Europa. É importante ressaltar que a documentação inquisitorial, mesmo nos auxiliando a entender o cotidiano colonial, são documentos gerados a partir da interpretação do inquisidor interessado, principalmente, em enfatizar a culpa do confitente ou denunciado. Percebe-se que ocorre nesse período um longo processo de culpabilização e aculturação popular na colônia, tentando conter a religiosidade popular incorporando fiéis à Igreja Católica e que as práticas empreendidas por essas mulheres eram táticas de resistência contra as estratégias da Igreja que tentava a homogeneização dessa população no modelo europeu e pretendia reforçar o controle sobre o corpo feminino.

PALAVRAS-CHAVE: Inquisição; Práticas Mágicas; Processos Inquisitoriais; Demonologia.

FONTES:

MELLO, José Antônio Gonçalves de. **Primeira visitaçaõ do Santo Ofício às partes do Brasil:** Denúncias e Confissões de Pernambuco 1593-1595. 2. ed. Recife: FUNDARPE, 1984.

MENDONÇA, Heitor Furtado. **Primeira visitaçaõ do Santo Ofício às partes do Brasil:** Confissões da Bahia 1591-1592. Prefácio de J. Capistrano de Abreu. 2. ed. Rio de Janeiro: F. BRIGUIET & C.1935.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETHENCOURT, Francisco. **O imaginário da magia:** feitiçarias, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz:** feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colônia. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SOUZA, Laura de Mello e. **Inferno Atlântico:** demonologia e colonização: séculos XVI - XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.